
La Comédiathèque
O Aquário
Jean-Pierre Martinez
comediatheque.net

Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente. Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização: https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/

O Aquário

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Deixar as chaves do apartamento a um amigo, durante o mês de agosto, para que dê de comer aos peixes-dourados, não tem nada de extraordinário. Mas quando esse amigo é um tanto excêntrico e todos têm alguma coisa a esconder, podem suceder-se as peripécias mais inesperadas. Sobretudo quando, nesse mesmo dia, a Valónia decide declarar a independência...

Personagens:

Marco
Daniel
Lola
Vitória

© La Comédiathèque

ATO I

A sala de estar de um apartamento burguês moderno, em Paris. Por cima da lareira, um quadro de Picasso, uma variação de O Almoço na Relva, de Manet. Sobre uma pequena mesa, um aquário com quatro peixes-dourados. Nas prateleiras, plantas de interior quase mortas. A rádio transmite música clássica, interrompida pela voz de um locutor.

Locutor – Interrompemos por instantes este programa musical para recordar a notícia que, desde esta manhã, está a abalar a Europa e o mundo. Para os ouvintes que tenham passado as últimas vinte e quatro horas numa ilha deserta e só agora liguem a rádio, aqui fica o comunicado que chegou durante a noite à nossa redação: apanhando de surpresa a comunidade internacional em plena pausa de verão, a Valónia acaba de declarar a independência e anuncia a intenção de abandonar o euro e recuperar o franco belga. A Flandres está em pé de guerra e o Luxemburgo estaria a concentrar tropas nas fronteiras. Manter-vos-emos informados, de hora a hora, sobre esta crise, cuja importância histórica ainda é impossível prever: um maremoto capaz de devastar a Europa... ou uma simples tempestade num aquário.

Regressa a música. Marco, um trintão com ar de jovem executivo de sucesso (fato sobre uma camisa branca, sem gravata), entra no apartamento, seguido de Daniel, da mesma idade, vestido como um profissional liberal de férias (polo, calças de ganga impecavelmente passadas e mocassins).

Daniel *(ao ouvir a música)* – Tens alguém em casa?

Marco – Não.

Daniel – Estava com receio de encontrar alguma das tuas amantes. Como a Vitória vai estar fora um mês...

Marco – Nem pensar. Quanto ao adultério, tenho duas regras: nunca com amigas da minha mulher e nunca debaixo do teto conjugal!

Daniel – E tem resultado?

Marco – Até agora, não me posso queixar... De qualquer maneira, ultimamente ando muito bem-comportado. Não é altura para arriscar... *(Desliga a rádio.)* Deve ter sido a Vitória que a deixou ligada quando partimos para a costa, há uma semana. Por causa dos peixes-dourados...

Daniel – Para eles se manterem a par da situação internacional?

Marco – Ela diz que, sem companhia, ficam tristes e deprimidos... A mim, o que me deprime é aquilo que tenho ouvido na rádio desde esta manhã.

Daniel – É assim tão grave?

Marco – Não creio que vá desencadear a Terceira Guerra Mundial, mas para os negócios é uma catástrofe.

Daniel – Portanto foi por isso que interrompeste as férias à pressa e regressaste sem a Vitória.

Marco – O CAC 40 caiu dois mil pontos numa única sessão! Tentei limitar os estragos, mas agora... só resta aguentar e esperar pelo fecho de Wall Street.

Daniel – Custa a acreditar... Os valões a declararem a independência!

Marco – E a recuperarem o franco belga...

Daniel – Daqui a nada ainda tentam reconquistar o Congo... Isto parece uma piada! Não será uma partida do Dia das Mentiras?

Marco – Infelizmente, estamos em agosto...

Daniel – Enfim, ao menos não é o teu dinheiro.

Marco – É o dinheiro dos clientes. E eles têm o direito de me pedir contas... A relação entre um gestor de patrimónios e o cliente é um pouco como um casamento. Um marido e uma mulher...

Daniel *(irónico)* – Ah, é?

Marco – Está bem, uma prostituta e o chulo, se preferires. Tudo assenta na confiança... Aliás, também administro o dinheiro da Vitória. Quando o pai morreu, ela herdou uma bela quantia. Não íamos deixar tanto dinheiro a ganhar pó numa conta-poupança...

Daniel – Pois...

Marco *(mudando de assunto)* – Vá, vamos beber qualquer coisa. Preciso de pensar noutra coisa. E obrigado por teres sacrificado a tua noite para me fazer companhia.

Daniel – É para isso que servem os amigos, não é? Além disso, Paris em agosto é um deserto...

Marco – Então porque não foste de férias como toda a gente?

Daniel – Estou de serviço na farmácia. Mais cedo ou mais tarde havia de chegar a minha vez... E nem me importo. Ir de férias sozinho... Sem mulher, sem filhos...

Marco *(a provocá-lo)* – Sem amante? Um rapaz bem-parecido como tu, solteiro, com acesso a inibidores de apetite e antidepressivos mesmo sem receita... As senhoras devem fazer fila à porta da farmácia. Ou então pedem-te um veneno discreto para se livrarem dos maridos...

Daniel *(embaraçado)* – Não tinhas falado num aperitivo?

Marco – O que queres beber?

Daniel – Um pastis, com muita água. Está um calor insuportável...

Enquanto Marco vai buscar os copos e as garrafas, Daniel para junto de um vaso de plantas.

Daniel – As tuas plantas também estão cheias de sede...

Marco – Deixei as chaves ao Alex para vir regá-las e dar de comer aos peixes, mas sabes como ele é...

Daniel *(divertido)* – O Alex...

Marco – Tens estado com ele?

Daniel – Há uns três meses que não o vejo. Desde que me pediu mil euros emprestados. Por quinze dias, dizia ele...

Marco – A vantagem de ter amigos pobres é que nunca vão de férias. Às vezes dá jeito. *(Observando as plantas ressequidas.)* Mas o Alex... não se pode contar com ele.

Daniel – Deve ter ido de férias com o meu dinheiro em vez de pagar as rendas em atraso.

Marco – Achas mesmo que alguém consegue ir de férias com mil euros?

Marco enche os copos. Daniel detém-se diante do quadro pendurado sobre a lareira.

Daniel – Pelo menos o teu Picasso continua aqui... Eu não sei se lhe teria confiado as chaves. O que anda ele a fazer?

Marco – Continua a ser ator. Desempregado...

Daniel – Isso é quase um pleonasmo.

Marco – Coitado, é bom rapaz. Só tem azar. Lembras-te de quando foi passar um dia à praia, há três anos, e lhe roubaram o carro?

Daniel – Se é que se podia chamar carro àquilo... Já quase não tinha peças de origem. Se a polícia o tivesse encontrado, nem saberia dizer de que marca era.

Marco – Deve ter sido roubado por um ladrão míope...

Daniel – Com a roupa toda lá dentro.

Marco – E os documentos!

Daniel – Quando o fomos buscar às duas da manhã, estava na praia em cuecas, enregelado. Pensei que teríamos de chamar uma ambulância para o reanimar.

Marco – Mas dei-lhe meia garrafa de uísque para o aquecer. Rimo-nos tanto...

Daniel – Tu é que te riste! Vomitou por toda a minha Mercedes. Demorei meses a tirar aquele cheiro. Às vezes pergunto-me se não foi por isso que a minha mulher me deixou...

Marco – O nosso Alex... Reconhece que nos faz rir. Até vale mil euros de vez em quando, não achas?

Daniel – Tem um potencial cómico enorme. Só deixa de ter graça quando sobe a um palco para representar.

Marco – Lembras-te da última peça dele?

Daniel – Mal. Adormeci antes do fim do primeiro ato...

Marco – E nem podíamos sair. Éramos os únicos dois espectadores.

Daniel – Bolas... Espero que não tenha pedido os mil euros para montar outra peça!

Marco *(horrorizado)* – Não me digas...!

Daniel – Proponho que juntemos dois mil euros e lhos demos, desde que prometa deixar de representar.

Marco – Se tivéssemos a certeza de que cumpria... *(Bebem um gole.)* E quando o puseste a testar aquele medicamento experimental de um laboratório farmacêutico?

Daniel – Supostamente curava a lepra...

Marco – Ele até arranjou uma colega da escola de teatro, tão falida como ele...

Daniel – Dessa vez teve sorte: calhou-lhe o placebo. Já ela, no dia seguinte, estava careca e coberta de borbulhas...

Marco – Esqueceste-te de lhes mencionar os efeitos secundários...

Daniel – A rapariga foi fazer um escândalo à farmácia... E parece que, na semana seguinte, tinha uma audição importantíssima para o papel principal de um filme.

Marco – Se calhar fizeste-a perder o papel da vida dela!

Daniel – Ao menos pagaram-lhe trezentos euros.

Marco – Como é que ela se chamava?

Daniel – Já não me lembro... Chamávamos-lhe Cara de Pizza...

Marco – Isso foi há seis meses, não foi? Nunca mais a vimos, coitada...

Daniel – Deve ter vergonha de sair à rua... *(Vira-se para o aquário.)* Olha, os teus peixes também estão com má cara. O Alex deve ter-se esquecido de lhes dar de comer. Parecem esfomeados.

Marco – Como é que sabes?

Daniel – Parece que o quarto está a tentar comer os outros três...

Marco aproxima-se, surpreendido, e observa o aquário.

Marco – Que estranho... Jurava que só tínhamos três peixes quando saímos...

Daniel – Duvido que o outro tenha entrado por arrombamento. Teríamos uma rachadela no vidro...

Marco – Ah, já me lembro... Dois machos e uma fêmea.

Daniel – Nem sabia que se podia distinguir o sexo dos peixes-dourados. Como sabes que são dois machos e uma fêmea?

Marco – Foi o empregado da loja que disse à Vitória. Acreditámos nele. Mas sempre me perguntei porque é que ela quis dois machos para uma fêmea. Não sei se os peixes-dourados gostam de aventuras a três...

Daniel – Se calhar tiveram crias...

Marco – E a cria está a tentar devorar os dois pais para ficar com a mãe só para ela...

Daniel – Muito freudiano.

Marco – Achas que o complexo de Édipo também existe nos peixes-dourados?

Daniel – Para isso precisavam de ter um inconsciente... Logo, uma consciência...

Marco – Duvido. Dizem que os peixes-dourados não têm memória.

Daniel – Nenhuma?

Marco – Não mais de três segundos... Menos do que um micro-ondas, pelo menos...

Daniel – Três segundos, imagina...

Marco – Nunca te aborreces...

Daniel – E nunca tens remorsos...

Ficam por momentos a contemplar o aquário, fascinados.

Marco – Ou então é o marido traído a vingar-se dos amantes e a eliminar as provas do crime...

Daniel lança-lhe um olhar discretamente inquieto.

Daniel – Isso já parece uma comédia de enganos...

Marco – Nunca imaginaríamos os horrores que podem acontecer num simples aquário. *(Ergue o copo para brindar com Daniel.)* Vá, aos teus amores... Então, não me contas nada?

Daniel – Contar o quê?

Marco – Quem é ela?

Daniel – Ela quem?

Marco – Não me digas que andas a fazer voto de castidade desde o divórcio.

Daniel – Não disse isso.

Marco – Então conta! Antigamente não eras tão reservado com as tuas proezas sexuais. Mesmo quando eras casado, contavas-me todos os pormenores das tuas conquistas extraconjugais! Quando é que a apresentas?

Daniel – A quem?

Marco – À Vitória e a mim!

Daniel – É que... é um bocadinho delicado.

Marco – Ah, já percebi... Ela é que é casada! Mas conheces-me, sou um túmulo. É amiga da Vitória, não é?

Daniel – Não a conheces. É... é cliente da farmácia.

Marco – Pelo menos, pelas receitas, sabes se tem doenças sexualmente transmissíveis e se toma a pílula. É gira? *(Mudando de hipótese.)* É maior de idade?

Daniel – Juro-te, não me apetece nada falar nisso agora.

Marco – Então é sério... As únicas mulheres de quem nunca falámos em termos sexuais foram aquelas com quem casámos...

Daniel, ansioso por mudar de assunto, volta a erguer o copo.

Daniel – Vá, aos teus negócios... A bolsa sobe e desce, não é? Só porque está em baixo agora... há de recuperar.

Marco aproveita imediatamente a deixa, com uma ideia na cabeça.

Marco – Sem dúvida... Aliás, esta crise é uma oportunidade extraordinária para investidores avisados comprarem ações em condições excecionalmente vantajosas.

Daniel – É essa a conversa que dás aos clientes que acabaste de arruinar?

Marco – Compra-se quando o mercado está em baixa! Os fundamentos são sólidos. Só pode voltar a subir, como tu próprio disseste.

Daniel *(desconfiado)* – Hum...

Marco – Se tens dinheiro para investir a médio prazo, este é o momento. Amanhã talvez seja tarde. Posso tratar-te disso, se quiseres...

Daniel não parece entusiasmado.

Daniel – Tu próprio disseste que entre gestor e cliente tudo depende da confiança... E eu conheço-te demasiado bem... Quer dizer, entre amigos de longa data, misturar dinheiro e amizade... Não seria constrangedor?

Marco – Podes duplicar o investimento em poucos meses!

Daniel – Então porque não investes tu? Com o dinheiro da tua mulher, por exemplo! Se é quando o mercado bate no fundo que se deve comprar, agora é a altura perfeita. Estamos em pleno colapso!

Marco – Infelizmente, já investi tudo.

Daniel – Quando o mercado estava no máximo...

Marco *(suspirando)* – Se os consultores financeiros seguissem os conselhos brilhantes que dão aos clientes, eram todos multimilionários... Em vez de trabalharem como escravos num banco por um ordenado miserável.

Daniel – Estás assim tão mal?

Marco – Digamos que... assumi riscos. Calculados, mas riscos. Apostei forte em algumas empresas promissoras, com projetos arrojados que ainda não deram frutos.

Daniel – Por exemplo?

Marco – Uma delas está a desenvolver um tratamento revolucionário contra a calvície... Foi aquela história da experiência com a pobre rapariga que me deu a ideia, há seis meses.

Daniel – Um champô contra a queda de cabelo?

Marco – Um comprimido que faz crescer cabelo outra vez!

Daniel *(atónito)* – Estás a brincar?

Marco – Sabes quantos carecas há no mundo? É um mercado gigantesco! *(Voltando à realidade.)* Claro que, numa crise, este tipo de investimentos arriscados... não é propriamente um porto seguro.

Daniel – E compraste muitas ações?

Marco – Praticamente comprei a empresa toda. Por uma ninharia.

Daniel – E agora quanto vale?

Marco – Digamos... nada. Mas tenho a certeza de que, depois da crise, vai disparar. Estão quase a conseguir! Já o experimentaram em aborígenes australianos e agora passaram aos testes em animais.

Daniel – Em aborígenes?

Marco – A sede da empresa fica em Sydney... E já conseguiram fazer crescer pelo num rato!

Daniel – Um rato careca? E onde é que arranjaram um rato careca?

Marco – Seja como for, antes não tinha pelo! Se quiseres, vendo-te metade das ações. *(Daniel lança-lhe um olhar incrédulo.)* Está bem, não insisto... Mas podes estar a perder o negócio do século.

Daniel – Paciência. Já perdi outras oportunidades... Prefiro investimentos seguros, de pai de família. Só tenho um pequeno problema: ainda não consegui formar família.

Marco – Pois... Também no amor a sorte favorece os audazes.

Daniel – Eu prefiro vender antidepressivos àqueles a quem a sorte nunca vai sorrir. É uma forma menos rápida e menos gloriosa de enriquecer, mas muito mais segura... *(Marco engole um comprimido com o aperitivo.)* Olha, não abuses dos antidepressivos. Misturá-los com álcool não é muito aconselhável.

Marco – Quando se está no fundo da piscina, só se pode subir, não é?

Daniel, pouco à vontade, procura tranquilizar o amigo.

Daniel *(indicando o quadro)* – Na pior das hipóteses, ainda podes vender o Picasso. Não é muito decorativo numa sala de jantar, mas hoje deve valer uma fortuna.

Marco não parece tranquilizado.

Marco – Também pertence à Vitória. E ela adora-o. Veio dos pais, que o compraram por uma pechincha... Mais valia ter investido em arte.

Daniel – Há pinturas que nunca chegam a valer grande coisa.

O telemóvel de Daniel toca. Ele olha para o ecrã e hesita ao reconhecer o número.

Marco – Não atendes? *(Daniel parece atrapalhado.)* Ah, já percebi... É ela! Vou deixar-te à vontade. Vou buscar gelo. Este pastis está morno, não está?

Marco afasta-se com um sorriso cúmplice. Daniel atende, resignado.

Daniel – Sim, Vitória... Olha, apanhas-me numa má altura. Estou precisamente com ele... Com o Marco, o teu marido! Pois, telefonou-me e não podia recusar... Em pleno agosto é difícil fingir que tenho a agenda cheia. E lembro-te que era o meu melhor amigo... antes de começares a dormir comigo... Esta noite? Já estás na circular? Claro que fico contente, mas pensava que ias ficar na costa com a tua mãe... *(Com ternura.)* Eu também... *(Hesitando.)* Vitória... Já tenho os resultados das tuas análises ao sangue. São positivos... Sim, estás mesmo grávida... De quem? Espera, foi uma análise ao sangue, não um teste de paternidade! Sim, sei que tomas a pílula, sou eu que ta dispenso... Um deles deve ter escapado... *(Marco regressa com o gelo.)* Olha, não posso falar muito mais tempo...

Marco *(divertido)* – Podes ir falar para o quarto, se quiseres estar mais à vontade... Sabes onde fica?

Daniel – Sei, sei, claro... *(Corrigindo-se.)* Quer dizer, acho que o encontro.

Daniel vai para o quarto. Marco sorri, indulgente, e volta a ligar a rádio.

Locutor – Estariam a decorrer violentos combates junto ao Palácio Real de Bruxelas. As duas partes disputam qual delas, a Flandres ou a Valónia, ficará com o rei dos Belgas... *(Marco suspira, inquieto, e prepara mais duas bebidas com o gelo que trouxe.)* Recordamos ainda que a Bolsa de Nova Iorque sofreu uma queda acentuada, perante o receio dos investidores de uma desagregação da Europa e de um eventual desaparecimento do euro...

Marco desliga a rádio. Preocupado, começa a regar as plantas.

Marco – Realmente estavam com sede... *(Aproxima-se do aquário.)* Afinal são mesmo quatro... De onde saiu aquele? Até parece agressivo... Se calhar devia dar-lhes um dos meus antidepressivos, para os acalmar...

Marco alimenta os peixes. Daniel regressa, com uma expressão entre o espanto e a ironia.

Daniel – E aquela, quem é?

Marco – Não faço ideia. Juro que não estava cá quando saí! Aliás, como é que sabes que é fêmea?

Daniel – Mesmo através do vidro embaciado, vê-se bastante bem...

Marco *(a olhar para o aquário)* – Achas? Tens olhos de lince, porque eu não vejo nada.

Daniel – Pronto, goza comigo...

Marco – E o vidro redondo ainda aumenta as coisas...

Daniel *(perdido)* – Mas de que estás a falar?

Marco – Do peixe, aquele que apareceu no meu aquário!

Daniel – Estou a falar da rapariga que vi através do vidro do duche, na tua casa de banho!

Marco *(perplexo)* – Na minha casa de banho?

Daniel – E não me disseste nada...

Marco – Não te disse o quê?

Daniel – Portanto era por isso que voltaste a Paris sem a tua mulher, em pleno agosto, a pretexto de um desastre bolsista. Podias ter inventado uma desculpa melhor.

Marco – O quê?

Daniel – Grande Marco! E eu que estava quase com remorsos... Mas tem cuidado. E se a tua mulher regressa de surpresa e encontra aquela beleza nua no teu duche?

Marco – Uma mulher nua no meu duche?

Daniel – Faz-te de inocente... E tu que juravas nunca trazer amantes para casa! Não me digas que é amiga da Vitória...

Marco fica de boca aberta.

Marco – Estás a gozar comigo?

Daniel – A sério que não sabes que há uma mulher nua na tua casa de banho? E não pode ser a tua mulher, porque... *(Corrigindo-se.)* Porque a Vitória ainda está fora.

Marco – Francamente, Daniel! Se quisesse aproveitar a ausência da Vitória para encontrar uma amante, achas que te convidava para tomar um copo?

Daniel – Tens razão... Mas então quem é a rapariga?

Marco – Juro que não faço a menor ideia... E tens a certeza de que é uma mulher? Pode ser o Alex a aproveitar a ocasião para tomar o duche anual...

Daniel – Não é nada a voz do Alex.

Marco – Falou contigo?

Daniel – Está a cantar!

Marco – E o que canta?

Daniel – Achas que isso é importante neste momento?

Marco – Pois, tens razão...

Daniel – Então vai ver!

Marco – Vou... *(Prepara-se para sair, mas hesita.)* Espera. Está uma desconhecida dentro da minha casa. Pode ser perigosa...

Daniel *(irónico)* – Perigosa? Uma mulher nua a tomar duche? De que maneira?

Marco – Pode ser uma ladra.

Daniel – Claro. Veio roubar o Picasso e aproveitou para tomar banho...

Marco – Vou lá...

Marco sai. Daniel bebe um gole de pastis.

Daniel – E se eu aproveitasse para sair antes de a Vitória chegar...? *(Mas Marco regressa logo, atónito.)* Então?

Marco – Tens razão...

Daniel – Mas conheces a rapariga?

Marco – Continua no duche... Não tive coragem de a interromper.

Daniel *(divertido)* – Um homem chega a casa enquanto a mulher está de férias com a mãe e encontra uma desconhecida nua no duche... Quem sabe, se voltares lá daqui a cinco minutos, já estará na tua cama. Podias abrir uma exceção às tuas regras...

Mas Marco não acha graça nenhuma; tem outras preocupações.

Marco – Isto não é uma daquelas partidas idiotas tuas e do Alex, pois não?

Daniel – Uma partida?

Marco – Não lhe emprestaste os mil euros para pagar a uma acompanhante e metê-la na minha cama, só para testar os meus princípios?

Daniel – E como é que a teria posto cá dentro?

Marco – O Alex tinha as chaves. Mas uma ideia tão retorcida nunca lhe ocorreria sozinho. E nunca teria dinheiro para a pagar.

Daniel – Mas juro-te que...

Marco – Não acho isto nada divertido. Felizmente a Vitória está fora, porque não tem o menor sentido de humor nestas coisas. E com a situação em que estou desde esta manhã, só me faltava agora um processo de divórcio.

Daniel – Juro-te pela vida da Vitória que não tenho nada a ver com isto. Mas é melhor ires perguntar à rapariga o que está a fazer em tua casa.

Marco – A esta altura, mais vale esperar que acabe o duche...

Os dois amigos ficam a pensar.

Daniel – Não tenho nada a ver com isto, mas o Alex...

Marco – Sabes alguma coisa?

Daniel – Não, mas tinha as tuas chaves. Podia ter aproveitado a tua ausência e transformado o teu apartamento num ninho de amor.

Marco – O Alex? Nunca o vimos com uma mulher! A não ser a Cara de Pizza! É tão sexual como um peixe-dourado!

Daniel – Pode ter-lhe despertado a paixão de repente. Como aos teus peixes. Nunca tinham procriado, disseste tu. Deixas três peixes sozinhos durante uma semana, e quando voltas há quatro.

Marco – Sim... Mas estão os três fechados num aquário minúsculo. Não tinham muita escolha. Onde é que o Alex ia encontrar uma mulher daquelas?

Daniel – Talvez convencendo-a de que este belo apartamento era dele... Aliás, como sabes que ela é uma beleza?

Marco – Não sei... imagino. Isso explicaria porque não teve tempo de regar os peixes e dar de comer às plantas.

Nesse momento, a rapariga entra na sala em roupa muito leve. Dá um grito ao vê-los.

Lola – Mas que estão a fazer aqui?

Marco – Ia perguntar-lhe exatamente o mesmo. Mas também posso chamar a polícia para lhe fazer a pergunta...

Lola – Deixem-me vestir primeiro, está bem?

A rapariga desaparece. Marco e Daniel ficam sem saber o que dizer.

Daniel – Tinhas razão. É mesmo uma beleza!

ATO II

Marco – Juro-te que não sei quem ela é...

Daniel – Uma amiga da tua mulher?

Marco – E que estaria a fazer aqui?

Daniel – Talvez a Vitória lhe tenha emprestado o apartamento em agosto, sabendo que iam passar o mês fora.

Marco – Para quê?

Daniel – Não sei. Uma amiga de outra cidade ou do estrangeiro, que quisesse passar uns dias em Paris.

Marco – A Vitória nunca faria isso sem me avisar.

Daniel – Pode ter-se esquecido.

Marco – Não é nada o género dela. Nunca me escondeu nada! Ter-me-ia dito. Além disso, não acredito que gostasse de ver uma quase desconhecida a dormir na nossa cama. Tu não a conheces como eu...

Daniel – Hum...

Marco *(pegando no telemóvel)* – Vou ligar-lhe para esclarecer isto de uma vez...

Lola regressa vestida, com um conjunto bastante sensual. Marco, surpreendido, guarda o telemóvel.

Lola *(com um sotaque belga bem marcado)* – Importam-se de me explicar o que estão a fazer aqui?

Daniel – Ela já falava com aquele sotaque há bocado?

Marco – Entre isso e a separação da Bélgica, começo a achar que entrámos na quarta dimensão... *(A Lola.)* Não me diga que é uma refugiada da Valónia!

Lola – Moro em Bruxelas, sim. E daí? Há algum problema?

Marco – Para começar, está a morar em minha casa!

Lola – Em sua casa? Então é o Alex? Mas não devia estar na minha?

Marco – Eu, na sua casa? É a senhora que está na minha!

Lola – Pois claro. Era esse o acordo: eu na sua casa em Paris, o senhor na minha em Bruxelas. É assim que funciona uma troca de casas, não é?

Daniel – Fizeste uma troca de casas?

Marco – Claro que não! *(A Lola.)* Quem fez essa troca?

Lola – O senhor! O Alex! Comigo!

Marco – Mas eu não sou o Alex! Chamo-me Marco!

Lola – Então que está a fazer aqui?

Marco *(para Daniel)* – Isto é de loucos... Que faço? Chamo a polícia?

Daniel – Acho que começo a perceber... *(A Lola.)* Portanto, combinou trocar de casa nas férias com um tal Alex, que disse ser o proprietário deste apartamento?

Lola – Exatamente! Estavam lá as fotografias todas, na Internet. Era mesmo o que procurava. Mas nunca aceitei partilhar a casa com dois homens que não conheço! Por quem me tomam?

Marco – Não percebo nada do que ela está a dizer...

Daniel – É muito simples. Deste as chaves ao Alex para alimentar os peixes durante agosto, não foi?

Marco – Dei, sim!

Daniel – E ele aproveitou para anunciar o teu apartamento num site de trocas de casas para férias.

Marco – O meu apartamento?

Daniel – Fingindo que era o proprietário.

Marco – Uma troca de casas...

Daniel – É uma forma económica de passar férias, que está cada vez mais na moda. Desde que tenhas uma casa decente para trocar e não um quarto num sótão ocupado, como o do Alex.

Marco – Então onde está o Alex?

Daniel – De férias!

Lola – Em Bruxelas!

Marco – Mas isso é um disparate! Quem é que vai passar férias a Bruxelas?

Lola – E porque não? Bruxelas é linda! Basta ver como os flamengos e os valões discutem para decidir a quem fica a capital!

Daniel – Bem te disse que não devias ter deixado as chaves ao Alex...

Marco – Muito bem. Vou ligar-lhe agora mesmo para confirmar. E se for verdade, há de ouvir-me... *(Marca um número.)* Não atende o telemóvel. Deve ter-se esquecido de pagar a conta outra vez... *(A Lola.)* Vou telefonar para a sua casa em Bruxelas, já que diz que ele está lá. Qual é o número de telefone fixo?

Lola – Deixe-me pensar... Zero dois... vinte e dois... trinta e três... quarenta e quatro...

Marco – Zero dois... vinte e dois... trinta e três... quarenta e quatro?

Daniel – Ao menos é um número fácil de decorar...

Marco acaba de marcar, sob o olhar dos outros dois. Lola mostra-se nervosa.

Marco – O número que marcou não está atribuído...

Lola – Com o que se está a passar lá... se calhar cortaram as comunicações com a Valónia.

Marco – Pronto, já chega desta história...

O protesto de Marco é interrompido pelo toque do telemóvel que ainda tem na mão.

Marco *(secamente)* – Estou...? *(Mudando de tom.)* Ah, Vitória... Sim, sim, está tudo bem, só tive um dia complicado... Sabes, com a situação de hoje... E tu? Não estavas com a tua mãe, na costa? Em Paris? A que horas? Mas porquê? Eu conseguia perfeitamente tratar de tudo sozinho. Não queria estragar-te as férias. E a tua mãe deve ficar desiludida... Claro que fico contente, mas... A que horas chegas? Já?! Não, não escondo nada, juro... Não é isso, é só que... Está bem, até já... Um beijo, eu também... *(Guarda o telemóvel e suspira.)* Era a Vitória. Resolveu voltar a Paris...

Daniel – Não...!

Marco – Está aqui de um momento para o outro.

Daniel – Mas porque estás tão nervoso? Quem devia estar nervoso era eu... Quer dizer... Porque estás nervoso?

Marco – Conheço a Vitória. É muito mais ciumenta do que imaginas.

Daniel – Pois...

Marco – Se encontrar esta beldade aqui, pede o divórcio e põe-me com as culpas todas.

Lola – Esta beldade? Está a falar de mim?

Daniel – Na boca dele, é um elogio. Acredite...

Marco – Bolas! Uma pensão de alimentos dava cabo de mim! Sem contar que o advogado dela ia vasculhar as contas todas na partilha de bens...

Lola – Porquê? Tem alguma coisa a esconder?

Marco – Não, mas... *(A Lola.)* Ainda cá está? Não percebeu? O apartamento é meu! O homem que o trocou pela sua casa é um mentiroso compulsivo!

Lola – E então?

Marco – Então faz as malas e desaparece já! Pela escada de serviço, se não se importar!

Lola – Nem pensar!

Marco – Como assim, nem pensar?

Lola – Troquei o meu luxuoso duplex no centro de Bruxelas por este apartamento, que me convém perfeitamente. Fiz tudo como deve ser. Vim passar uma semana a Paris. E não saio daqui!

Marco – Mas já lhe disse que a casa não é do Alex, é minha! *(A Daniel.)* Diz-lhe tu!

Daniel não sabe o que responder.

Lola – Isso não é problema meu. Resolva a questão com o seu amigo quando ele regressar de Bruxelas.

Daniel – Se regressar...

Lola – E para onde quer que eu vá a estas horas?

Marco – Não sei! Para sua casa!

Lola – A esta hora já não devo conseguir um comboio para Bruxelas! E ouviu as notícias sobre a Bélgica? Prefiro esperar que a situação acalme.

Exasperado, Marco tira duas notas de cinquenta euros.

Marco – Tome, cem euros! Fique no hotel ali em frente. E amanhã apanhe um comboio para a Valónia, para a Bósnia ou para onde lhe apetecer!

Lola *(pouco convencida)* – Um hotel barato? Em troca do meu dúplex de luxo no centro de Bruxelas?

Marco *(a Daniel)* – Faz alguma coisa, por favor, antes que eu a estrangule!

Daniel – O que queres que faça?

Marco – Leva-a para tua casa! És solteiro, não tens de dar satisfações a ninguém!

Daniel – Pois, mas...

Lola – Estejam à vontade! Era para ficar em casa de um tal Alex, acabei em casa de um tal Marco e agora querem despachar-me para casa de um tal Daniel. Por quem me tomam? Lá por eu falar com sotaque belga não quer dizer que seja estúpida!

Marco prepara-se para responder, mas ouve-se a campainha.

Marco – Merda! Já chegou!

Lola – Espera mais mulheres? Mas isto é uma casa de tarados! Vou chamar a polícia!

Marco – É a minha mulher! A minha mulher, percebe? *(Volta-se desesperado para Daniel.)* Não a posso meter num armário!

Daniel – A amante no armário já é um clássico. Talvez no congelador...

Marco – Deixa, invento alguma coisa... *(Vai abrir a porta, falando fora de cena.)* Querida! Apanhaste muito trânsito? Dá-me a mala, eu levo-a...

Vitória entra com Marco, trazendo uma mala Vuitton.

Vitória *(fingindo surpresa)* – Daniel?

Daniel – Vim fazer companhia ao teu marido. Paris em agosto, ele aqui sozinho... Não sabia que voltavas hoje. Mas eu já ia sair...

Vitória – Não queria dar a impressão de que te estou a expulsar... *(O sorriso desaparece quando vê Lola.)* Menina...

Lola – Boa tarde, minha senhora...

Vitória olha para Marco à espera de uma explicação.

Marco *(a Lola)* – A Vitória, minha mulher... *(A Vitória.)* Querida, esta é...

Lola – Lola. Lola Van Houten.

Vitória *(friamente)* – Van Houten... Muito prazer. E a senhora é...?

Marco entra em pânico, mas improvisa.

Marco – É a nova namorada do Daniel. Lembras-te daquela sobre quem ele fazia tanto mistério? Pois apresentou-ma finalmente. E é tão bonita que percebo porque queria guardá-la só para ele...

Vitória *(gelada)* – Eu também percebo...

Daniel, transtornado, não ousa desmentir.

Daniel – Pois, mas...

Vitória *(a Marco)* – Então era por isso que estavas tão embaraçado ao telefone quando disse que vinha? Por momentos pensei que te ia apanhar na cama com uma amante...

Marco – Estávamos a beber um aperitivo. Queres um copo?

Vitória *(indicando a mala)* – Primeiro vou deixar isto no quarto...

Marco – Eu levo! Já sabes como fico quando me deixas aqui sozinho... Está tudo desarrumado! Há roupa espalhada por todo o lado... Daniel, tratas das bebidas? És quase da família...

Marco sai com a mala. Silêncio tenso.

Vitória – Acho que vou precisar de uma bebida forte... Um uísque, por favor. *(A Lola.)* A senhora não quer nada? Não lhe ofereço álcool, parece tão novinha... Já tem idade para beber?

Lola – Quero, sim... *(A Daniel.)* O mesmo de sempre, querido...

Daniel serve dois uísques.

Vitória – Então conhecem-se há muito tempo?

Daniel – É que...

Vitória – Pelo sotaque, diria que não é francesa. Estou enganada?

Lola – Não, sou de Bruxelas. *(A Daniel.)* Não é, meu amor?

Daniel lança-lhe um olhar horrorizado.

Vitória – E veio passar uns dias a Paris?

Lola – Como a senhora estava ausente, o seu marido teve a gentileza de nos emprestar o apartamento. É muito central para visitar Paris. Mas agora que voltaram... Podemos apertar-nos um pouco. Dormimos no sofá, não é, querido?

Marco regressa no momento certo.

Marco – Pronto, arrumei um bocadinho... A minha mulher é muito exigente com a ordem, sabe? Se visse aquela roupa toda em cima da cama, matava-me... Já têm todos o que beber?

Vitória – Muito bem... Então vamos brindar. *(Erguendo o copo para Daniel e Lola.)* Aos vossos amores!

Daniel força um sorriso. Bebem.

Marco – Vou buscar qualquer coisa para petiscarmos.

Daniel – Vou ajudar-te... *(Dirigem-se para a cozinha.)* Mas onde tinhas a cabeça quando disseste que esta rapariga era minha namorada?

Marco – Desculpa, foi o que me veio à cabeça! Imagina que a Vitória entrava no quarto e encontrava as cuequinhas dela em cima da cama!

Daniel – Podias ter-lhe contado a verdade!

Marco – A verdade? Que o Alex, a quem deixei as chaves para alimentar os peixes, aproveitou para trocar clandestinamente o meu apartamento com uma belga e ir passar férias a Bruxelas em agosto? Tu acreditavas numa história destas? Há alturas em que uma mentira simples é muito melhor do que uma verdade complicada.

Daniel – Muito bem. E eu?

Marco – Tu, o quê?

Daniel – Nem sequer conheço esta rapariga!

Marco – Não tens nada a perder! És solteiro! E admite que ela é bonita. Só aquele sotaque... Mas também não precisas de a pôr a falar na cama...

Desaparecem na cozinha. Sozinhas, as duas mulheres avaliam-se mutuamente.

Vitória – É mesmo amante do Daniel... ou é amante do meu marido? Ele é um péssimo mentiroso.

Lola, em vez de responder, esboça um sorriso misterioso, dá alguns passos e detém-se diante do quadro.

Lola – O Almoço na Relva... Um quadro de Manet reinterpretado por Picasso...

Vitória *(irónica)* – Vejo que também percebe de pintura...

Lola – Dois homens e duas mulheres quase nuas... Sabe que título Manet lhe dava em privado? *(Vitória não responde.)* Uma troca de casais...

Vitória fica espantada. Marco e Daniel regressam. Marco põe alguns aperitivos na mesa.

Marco – Então, já se conheceram?

Vitória – Estávamos a falar de pintura...

Marco – Ótimo. E se improvisássemos um jantar a quatro? Tenho pizzas que posso pôr no forno enquanto acabamos o aperitivo...

Daniel e Vitória não parecem entusiasmados, mas Lola responde por eles.

Lola – Porque não? Até pode ser divertido...

Vitória *(irónica)* – E depois, todos para a cama!

Marco – Já volto...

Marco afasta-se novamente.

Lola – Vou ajudá-lo...

Segue-o. Daniel e Vitória ficam sozinhos.

Daniel – Não é nada do que estás a pensar, Vitória.

Vitória – Não tens de me dar explicações. És adulto, afinal. E solteiro...

Daniel – Vou explicar-te tudo, é muito simples... *(Hesita.)* Bom, afinal não é assim tão simples...

Vitória, achando patéticas as tentativas de explicação de Daniel, responde com ironia.

Vitória – Ela sabe de nós dois?

Daniel – Claro que não! Porque lhe havia de contar?

Vitória – Pois, não era nada que valesse a pena mencionar...

Daniel – Mas nem sequer a conheço! É a primeira vez que a vejo!

Vitória – Então porque está aqui? Vais dizer que é amante do Marco?

Daniel – Nem isso...

Vitória – É patético...

Lola regressa com pratos e talheres.

Lola – Ajudas-me a pôr a mesa, querido?

Daniel fica desfeito. Vitória lança-lhe um olhar assassino.

Vitória – Vou ver o que faz o meu marido na cozinha. *(A Lola.)* Já sabe como são os homens...

A sós com Lola, Daniel lança-lhe um olhar furioso.

Daniel – Não acha que está a exagerar um bocadinho?

Lola – Foi o seu amigo Marco que me pediu para fingir que sou sua namorada. Decidam-se!

Daniel – Sim, mas não é preciso ir tão longe.

Lola – Incomoda-o tanto que a mulher do seu amigo me tome por sua noiva?

Daniel – Não, mas... não compreende.

Marco regressa com as pizzas e coloca-as na mesa. Vitória vem atrás com uma garrafa de vinho.

Marco – Cá estão!

Daniel – Bem, acho que esta comédia já foi longe de mais...

Para o calar, Lola beija-o apaixonadamente, apanhando-o de surpresa. Marco e Vitória assistem. Quando Lola o larga, Daniel parece completamente atordoado.

Lola – Que ias dizer, querido?

Daniel – Já não me lembro...

Marco – O amor é lindo!

Vitória – E provoca amnésia...

Marco – Já conhecem o ditado: o amor é cego, mas o casamento devolve-lhe a vista! *(Apontando para as pizzas.)* Vá, sirvam-se à vontade!

ATO III

O jantar começa num ambiente tenso.

Vitória – E a senhora, Lola, o que faz na vida? Ainda estuda?

Lola – Dou aulas de Belas-Artes na universidade de Bruxelas.

Daniel – A sério?

Vitória – Não sabias?

Daniel – Sabia, claro. Mas pensava que era em Namur...

Marco *(inquieto)* – Belas-Artes... Quer dizer pintura?

Lola – Sobretudo pintura moderna, sim.

Daniel – Então a senhora deve ter reparado que os nossos amigos têm um Picasso extraordinário.

Vitória – Estás a tratá-la por «senhora»?

Daniel – Quem? Não. Porquê?

Vitória – Disseste «a senhora deve ter reparado»...

Daniel – Não, não... Não foi, Marco?

Marco – Nem reparei...

Daniel – Bom, seja como for, querida, o que achas desta obra-prima?

Lola – Faz parte de uma série que Picasso pintou a partir de O Almoço na Relva, de Manet... Um quadro que provocou um escândalo na época.

Daniel – A sério? Porquê?

Lola – Diz-se que é uma espécie de troca de casais...

Daniel *(olhando para o quadro, impressionado)* – Interessante... Essa interpretação tinha-me escapado. Agora vejo o quadro com outros olhos... Sabias, Vitória?

Vitória – Sim, enfim...

Daniel – E quanto vale um quadro destes?

Lola levanta-se para examinar o quadro, mas Marco apressa-se a desviar as atenções para o aquário.

Marco – Ui! Não sei o que se passa ali, mas não parece uma orgia... Parece um massacre! O peixe novo já comeu as caudas aos dois machos... E eu dei-lhes comida há pouco!

Vitória – Que peixe novo? *(Olha para o aquário e fica horrorizada.)* Há aqui um quarto peixe... e é carnívoro!

Marco – Isso é impossível! Como é que três peixes vegetarianos podiam ter uma cria carnívora?

Vitória – Então só pode ser um intruso!

Daniel – Um intruso? Num aquário? Como é que entrou?

Vitória – Era isso que eu gostava de saber...

Lola mostra-se embaraçada.

Marco – Temos de fazer alguma coisa já, antes que dos teus três peixes só sobrem as espinhas!

Vitória pega numa pequena rede ao lado do aquário e tenta, com dificuldade, apanhar o peixe carnívoro.

Vitória – Anda cá, desgraçado! Não me escapas!

Lola aproveita a confusão para chamar Marco à parte.

Lola – Fui eu...

Vitória – Desculpe?

Lola – Fui eu que pus o quarto peixe no aquário.

Marco – Foi a senhora?

Lola – Achei que três peixes era um número estranho... Comprei mais um na loja de animais cá em baixo. Mas não fazia ideia de que comia outros peixes.

Marco – A senhora... Só me faltava esta!

Lola – Pensei que era uma boa surpresa.

Vitória consegue finalmente apanhar o peixe.

Vitória – Já te apanhei!

Deita o peixe ao chão e esmaga-o com o pé, brutalmente. Os outros três olham-na, aterrorizados.

Vitória – Intruso eliminado!

Instala-se um silêncio embaraçoso.

Marco – Bem... Já podemos acabar de jantar. Alguém quer mais pizza? *(Ninguém responde.)* Então vamos à sobremesa...

Marco sai para ir buscar a sobremesa.

Vitória *(a Lola)* – E então, ele já a pediu em casamento?

Daniel – É que...

Vitória repara no anel vistoso de Lola.

Vitória – É um anel de noivado, não é? Muito bonito... Um pouco espalhafatoso, talvez. Mas, se foi ele que lho ofereceu, não deve ter gasto uma fortuna...

Lola – Acha?

Vitória – É falso, não é? Nota-se logo. Só uma grande ingénua é que podia pensar que um diamante deste tamanho era verdadeiro...

Lola – É falso, de facto. Tão falso como o quadro que têm pendurado na sala.

Marco, que regressa com um bolo, fica imóvel.

Vitória – Está enganada, menina. Este quadro era da minha mãe, que conhecia Picasso pessoalmente.

Lola – Uma das muitas amantes dele, talvez? Picasso era famoso pelas suas conquistas... Nesse caso, quem sabe se a senhora não será uma descendente secreta! E, pensando bem, daqui a uns anos até podia parecer-se com um quadro de Picasso...

Vitória – A minha mãe comprou-o numa galeria, quando ainda era relativamente acessível.

Lola – Então foi o galerista que a enganou.

Vitória – Estou a dizer-lhe que é autêntico!

Lola – E eu garanto-lhe que é falso.

Marco parece muito atrapalhado. Lola aproxima-se do quadro.

Lola – É uma cópia, vê-se logo. Aliás, a tinta ainda está fresca...

Vitória fica estupefacta.

Vitória *(a Marco)* – Diz alguma coisa!

Marco – Claro que é autêntico!

Lola – Recordo-lhe que sou professora de Belas-Artes em Bruxelas.

Daniel – Como é que um Picasso falso veio aqui parar?

Vitória – Talvez como o peixe carnívoro... Não me disseste que tinhas deixado as chaves ao Alex para alimentar os peixes?

Marco – Sim, mas...

Vitória – Sempre te disse que não devias confiar naquele falhado. Pode ter roubado o meu Picasso e substituído o original por esta falsificação!

Daniel – O Alex nunca faria uma coisa dessas!

Vitória – E aposto que também foi esse assassino que meteu a piranha no aquário, e não esta descarada!

Marco – Mas isso é ridículo!

Vitória – A esta hora já pode estar no estrangeiro, a fugir com o quadro!

Daniel – Na Bélgica, se calhar...

Vitória – Porque na Bélgica?

Daniel – Porque não? Fica mais perto do que a Bósnia...

Vitória – Temos de avisar a polícia! Pedir um mandado de captura internacional!

Daniel – Não pode ter sido ele. Pode ser um idiota, mas não é um vigarista. Nem tem ambição suficiente para isso...

Vitória – Então porque não foi ela?

Daniel – A Lola?

Vitória – Aposto que não é a primeira vez que aparece aqui. Não sou parva! Andam os dois metidos com ela, é isso? É acompanhante e faz-vos desconto de grupo?

Lola – Mas, minha senhora...

Vitória *(a Daniel e Marco)* – Estavam a planear acabar a noite com um almoço na alcatifa?

Lola – Se tivesse roubado o original, porque é que havia de dizer que este é falso?

Vitória – Muito bem. Vou chamar a polícia. Eles esclarecem tudo.

Dirige-se ao telefone, mas Marco interpõe-se.

Marco – Não, não pode ter sido ela...

Vitória – Ah, não? E porque não?

Marco – Porque fui eu...

Vitória e os outros dois ficam estupefactos.

Marco – Precisava de dinheiro para cobrir as minhas perdas na Bolsa. Dei o quadro como garantia... Mas juro-te que nunca te traí! *(Piorando a situação.)* Pelo menos, não com esta rapariga...

Vitória – Já ouvi o suficiente! Volto para junto da minha mãe. Na segunda-feira, o meu advogado entra em contacto contigo.

Vitória prepara-se para sair.

Marco – Mas, Vitória...

Vitória – Que andasses a enganar-me, já suspeitava. Mas teres desviado a minha herança! O Picasso da minha mãe! Faço-te meter na cadeia, juro!

O telemóvel de Marco toca.

Marco *(olhando para o ecrã)* – É o Alex! *(A Vitória.)* Ele vai explicar tudo! Alex, onde raio estás? Meteste-me num belo sarilho! Não? Juras? Está bem, acredito... Depois ligo-te. *(A Lola.)* O Alex não fez troca de casas nenhuma. Nem sequer foi para a Bélgica. Partiu uma perna ao cair do palco durante os ensaios de O Doente Imaginário e está fechado em casa com a perna engessada...

Daniel – Coitado, não tem sorte nenhuma...

Marco – Limitou-se a passar as chaves a uma colega da escola de teatro para que viesse alimentar os peixes em vez dele.

Daniel e Vitória voltam-se para Lola.

Lola *(sem sotaque)* – Está bem, não sou belga... *(Os outros três ficam pasmados.)* Nem professora de Belas-Artes.

Marco – Mas então como soube que o Picasso era falso?

Lola – Estava a fazer bluff.

Marco – Bluff?

Lola – Nota-se que é uma cópia, não é? E pensei que ninguém tinha um Picasso verdadeiro pendurado em casa...

Daniel – Mas então... Para quê toda esta comédia?

Lola – Não me reconhecem mesmo?

Marco – Não!

Lola – Imaginem-me coberta de borbulhas... e completamente careca.

Daniel – Cara de Pizza!

Lola – Quando o Alex me emprestou as chaves, só queria aproveitar para deixar as malas por uns dias, já que a casa estava vazia...

Marco – As malas?

Lola – Quando apareci em casa do meu namorado, careca como um ovo, há seis meses, ele pensou que tinha cancro e deixou-me. Desde então, não tenho casa...

Daniel – Lamento imenso...

Lola – Quando reconheci o farmacêutico com aquele ar de cientista nazi, ocorreu-me vingar-me.

Marco – Mas eu não fiz nada!

Lola – Pois não... Riu-se a bom rir com o seu amigo quando me viu naquele estado, na farmácia! Estava tão desfigurada que hoje nem sequer me reconheceram!

Marco *(incrédulo)* – Cara de Pizza...

Lola – E fizeram-me perder uma audição! Ia fazer de Esmeralda em O Corcunda de Notre-Dame. Com a cara que tinha, ofereceram-me o papel de Quasímodo!

Daniel – Peço-lhe mesmo muita desculpa...

Lola – Quando vos vi há uma hora com aquele ar de colegiais apanhados em falta... Para não falar daquela grande diva... pensei que tinha chegado a minha vez de me divertir.

Marco – Está a falar da minha mulher...

Vitória – Não por muito mais tempo, podes crer...

Daniel – Bravo... É uma grande atriz.

Marco – Melhor do que o Alex, pelo menos...

Lola – Digamos que são um público excelente. E na escola de teatro treinamos muito a improvisação...

Daniel – E... porque fingiu ser belga?

Lola – Foi uma ideia que me veio quando ouvi as notícias na rádio...

Vitória – Muito bem. Espero que se tenha divertido. Eu, pelo menos, fiquei a saber umas quantas coisas...

Lola *(a todos)* – Não acharam divertido? Parecia que tinha entrado diretamente numa comédia de enganos. Com a mulher, o amante e o marido traído...

Marco – Que marido traído?

Vitória – Não mudes de assunto. *(A Lola.)* E presumo que também não é namorada do Daniel?

Lola – Porque é que isso lhe interessa tanto?

Vitória – A única coisa verdadeira nisto tudo é que tu és um falhado... e um vigarista.

Marco *(a Vitória)* – Não me vais deixar, pois não?

Daniel – E se ligássemos a rádio? Um pouco de música talvez ajudasse a descontrair...

Daniel liga a rádio, que transmite Ne me quitte pas, de Jacques Brel.

Brel – Ne me quitte pas, tout peut s'oublier. Oublier le temps, des malentendus...

Os quatro escutam em silêncio, cada um perdido nos seus pensamentos e a acabar de comer os restos das pizzas. Um boletim informativo interrompe a canção.

Locutor – Interrompemos a programação para anunciar o desenlace da grave crise europeia: a Valónia pede agora a integração em França como departamento ultramarino. Quanto à Flandres, boa parte da qual já está abaixo do nível do mar, será devolvida ao oceano e transformada num gigantesco viveiro de ostras...

A música regressa, desta vez com outra canção de Jacques Brel: Le Plat Pays.

Brel – Avec la Mer du Nord, pour dernier terrain vague, et des vagues de dunes...

Daniel prefere mudar de estação.

Locutora *(voz melosa)* – Com o champô para cabelos encaracolados da L'Oréal, todas as manhãs saio da casa de banho a parecer um caniche acabado de sair do tosquiador. L'Oréal: porque não mereço melhor...

O telemóvel de Marco toca. Ele olha para o ecrã e desliga a rádio.

Marco – É um alerta da Bolsa que programei... *(Lê a mensagem e ilumina-se.)* A pequena empresa em que investi o valor do Picasso conseguiu fazer crescer pelo num pastor-alemão!

Vitória – Estás a falar de um cão?

Marco – Deram-lhes autorização para avançar para os ensaios em seres humanos! Percebem o que isso significa? Melhor do que o Viagra! Há muito mais carecas do que impotentes no mundo! É um mercado fenomenal!

Daniel – Calma, não te entusiasmes já. Os ensaios em humanos ainda nem começaram. Lembra-te do medicamento que fiz a Lola experimentar...

Marco *(a mexer no telemóvel)* – Tens razão... Como se diz na Bolsa: compra-se o boato e vende-se a notícia! O preço das ações multiplicou-se por mil em duas horas. Já está! Vendi tudo, com uma mais-valia de...

Vitória – Quanto?

Marco *(olhando para o ecrã)* – Bolas! O ecrã não tem espaço para tantos zeros... Ganhei a sorte grande!

Vitória – E o meu Picasso?

Marco – É verdade, empenhei o teu quadro para conseguir fazer este último investimento. Mas agora podemos recuperá-lo! E comprar mais meia dúzia!

Vitória – Meia dúzia?

Marco – E um diamante tão grande como o da Lola. Mas verdadeiro, prometo!

Vitória *(ternamente)* – Sempre acreditei em ti, querido. E ainda bem que tudo se resolveu entre nós, porque tenho uma grande notícia: vais ser pai!

Daniel fica visivelmente incomodado.

Marco – Um herdeiro! Agora sim, vamos abrir uma garrafa de champanhe!

Sai para buscar uma garrafa.

Vitória *(a Lola)* – Fazemos as pazes? Não conta ao meu marido a minha aventura com o Daniel e eu deixo-o para si. Combinado?

Lola – Quem lhe disse que me interessa?

Vitória – Não ficará desiludida... E, se não quiser acabar como o pobre Alex, invista já numa casa... Antes que a sua própria fachada também precise de obras...

Marco tenta abrir a garrafa de champanhe, sem sucesso. Daniel aproxima-se de Lola. Vitória deixa-os e vai ajudar Marco a buscar os copos.

Daniel – É pena. Gostei do seu sotaque... Não podia voltar a fazê-lo, de vez em quando?

Lola *(retomando o sotaque belga)* – Isso é uma proposta?

Daniel – Porque não?

Lola – Não sei se teremos grande coisa em comum...

Daniel – Eu tinha imensas coisas em comum com a minha primeira mulher. A começar por um seguro de vida enorme, com benefícios fiscais. E acabámos divorciados...

Lola – E a Vitória?

Daniel – Viu com os seus olhos. Bastou a Bolsa recuperar para ela achar o marido muito mais atraente do que eu...

Lola – E o que o faz pensar que eu o acho atraente?

Daniel – A senhora não tem casa e eu tenho um apartamento grande em Paris.

Lola *(irónica)* – Sabe mesmo falar com as mulheres...

Daniel – E já a fiz perder todo o cabelo antes de sequer a conhecer. É como na Bolsa: a minha cotação está tão baixa que agora só pode subir...

Lola – Ao menos não iremos passar a lua de mel na Bélgica... Já não existe...

Vitória regressa com os copos.

Vitória – Adeus chocolate belga...

Daniel – E cerveja belga...

Lola – E as piadas sobre os belgas...

Vitória *(filosoficamente)* – A Bélgica era um pouco como este aquário... Peixes demasiado diferentes, num espaço demasiado pequeno. E batatas fritas que não chegavam para todos...

O telemóvel de Marco volta a tocar. Ele entrega a garrafa de champanhe a Daniel para atender.

Marco *(a Daniel)* – Toma, abre isto, por favor... *(Atende.)* Estou? *(Ouve durante algum tempo.)* Não... Bolas... Está bem, vamos já... *(Daniel continua a lutar com a rolha. Marco desliga.)* Era o Alex. Para variar, está metido num sarilho...

Daniel – O que aconteceu?

Marco – Ficou preso na casa de banho com a perna engessada e não consegue abrir a porta... Quer que o vamos salvar.

Daniel consegue finalmente fazer saltar a rolha. Esta atinge o aquário, que se vira, espalhando água e os peixes (falsos) pelo chão.

Vitória – Parece-me que estes peixes também não estavam destinados a viver juntos por muito tempo...

Escuridão. Ouve-se a canção Bruxelles, de Jacques Brel.

Brel – C'était au temps où Bruxelles rêvait, c'était au temps du cinéma muet...

Os atores regressam para os agradecimentos, segurando uma faixa onde se lê: «Nenhum peixe-dourado verdadeiro foi maltratado durante esta representação.»

Escuro.

Fim

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Dezembro de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-286-9

Documento para download gratuito